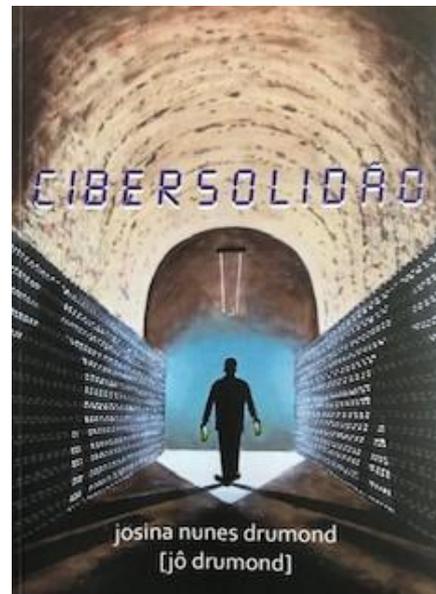


DRUMOND, Josina Nunes. *Cibersolidão*. São Paulo: Opção, 2017.

Giselda Maria Dutra Bandoli*
Marcos Tavares*



Josina Nunes ou simplesmente Jô Drumond é natural de Patos de Minas, em Minas Gerais, e reside em Vitória há muito tempo. Dona de um currículo acadêmico consistente (pós-doutorado em Literatura Comparada pela UFMG; doutorado em Semiótica pela PUC-SP e pesquisadora nas áreas de Literatura e Artes Plásticas). Membro da Academia Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, além de tradutora

* Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

* Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

juramentada de francês. De autorial, publicou três (3) livros de contos (*Tearte*, 2010; *Trancelim*, 2012; *Deslimites*, 2017), dois (2) de crônicas (*Memória Peregrina*, 2007 e 2009, 2ª ed.; *O vau da vida*, 2015), dois (2) de poemas (*Charneca*, 2005; *Filigranas poéticas*, 2009) e sete de ensaios literários (*As dobras do sertão*, 2008; *Solimultidão*, 2010; *O solitário de Itapemirim*, 2010; *As trilhas da derrisão*, 2012; *Ecos do sertão: sertões*, 2013; *Retratos e camafeus*, 2014; *As neblinas da travessia*, 2016).

Para um livro, qual seja ele, melhor prefaciador não há senão um *expert* sobremaneira versado em todos os gêneros (poesia, romance, conto, ensaio, crônica) e, em especial, se filólogo for, qual o é o renomado José Augusto Carvalho (JAC). E, em seu todo douto prefácio, ele logo anuncia características, teor da obra e autoria dela: “O que se vai ler não são apenas crônicas escritas num estilo coloquial distenso, como numa conversa com o leitor. São também depoimentos preciosos de quem tem uma vida rica de experiências e de andanças pelo mundo” (p. 8-9). E, a partir daí, JAC, com o seu arguto olhar, praticamente elabora uma resenha de quase todo o volume. E arremata: “A linguagem [...] encanta pela simplicidade, mas também pelos arroubos linguísticos”, no que concordamos.

Escrever, muitos escrevem. O que qualifica um escrevedor, daí escritor, é, além do hábil trato com as palavras, o seu distinto olhar, a sua cosmovisão. E quando esse escritor (no caso, literata) detém as qualificações supra, qual o título de Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e, em nova incursão cronística, examina sobretudo o mundo moderno e suas tecnologias, em livro que publica, hemos de prestar a devida atenção.

Contrapondo-se a outras épocas, em que sólidos os vínculos, contudo, já com prenúncios de que “tudo que é sólido se desmanchava no ar” (Marshall Berman, em *Tudo que é sólido desmancha no ar* [1986, p. 85-103]), a palavra “liquidez”, uma atual realidade, remete à fluidez, ausência de forma definida, velocidade, mobilidade e inconsistência. Da Modernidade diz-se “líquida” (Zygmunt Bauman, em *Modernidade líquida* [2001, p. 8-13]), em contraposição ao “sólido”,

referindo-se, por exemplo, às instituições que até então, nela, eram consideradas inabaláveis, qual a família, o Estado, o emprego, a segurança. Esses seriam, para aquele [Berman], justamente os traços essenciais das relações sociais [sólidas] ainda vigentes na época (1986) em que publicara o polêmico livro.

Ocular testemunha desses tempos fugazes, Jô Drumond, a nós ora concede documental prova da propalada “modernidade líquida” consoante nomeação do sociólogo polonês Zigmunt Bauman (“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”). Título da obra alude ao fenômeno da “solidão acompanhada” ou **cibersolidão**. Em crônica homônima, “Cibersolidão” (DRUMOND, 2017, p. 11-13), a de abertura, discorre Jô acerca das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) com suporte na internet que, aliada aos recursos da computação móvel, têm influenciado novos comportamentos sociais, em especial no tocante à facilidade nos relacionamentos. Estes, não presenciais, até superficiais, mas, de imediato, designados “amizades”, não raro podem, ironicamente, destruir vínculos afetivos pessoais e bem duradouros.

Solidão cibernética detectada num dia de silêncio no WhatsApp: só explicado quando, por já desusados telefonemas, se soube do suicídio de um de seus integrantes (“Era digital”, p. 15-17). Consequência da nova era, o *home based*, uma espécie de franquia que permite gerenciar, sem sair de casa, uma atividade laboral rentável, é objeto de narrativa (“Trabalho à distância”, p. 19-20). Sob epígrafe de Rubem Braga resgata a saudosa época em que carteiros, esperados com ansiedade, traziam boas e más notícias. “Cada um de nós morre um pouco quando alguém, na distância e no tempo, rasga alguma carta ou deleta alguma mensagem nossa”, conclui, lírica (“Velhas cartas”, p. 21-22).

Francófila, tanto é cultora de “*le mot juste*” (a palavra justa) quanto se debruça sobre a História de França: eis que, em paralelo com o nosso período escravocrata, cogita acerca da liberdade relativa, do cerceamento imposto por algemas sociais (“Grilhões”, p. 23-25). Reporta-nos a uma Paris ora infestada por *clochards* (mendigos), agora oriundos da avassaladora onda de desemprego, e não mais aqueles vagabundos de outrora, em que estudantes da Sorbonne iam,

sob as pontes, a filosofar com eles (“Paris, sempre Paris”, p. 123-124). E, servindo-se do duplo mote (de ponte e de filosofia), Jô Drumond passeia (“Divagações em torno de um tema”, p. 125-126). Ainda em França, conduz-nos à cidade de Bonifácio, onde um cemitério (Cimetière Marin de Saint François) transforma-a em lugar de peregrinação turística de tom mórbido. E essa ampla visitação a mortos, por familiares, provoca-lhe uma reflexão existencialista (“Cidade insólita”, p. 135-136).

O definhamento da bisavó Theodora, latifundiária e escravagista, então empobrecida pela Lei Áurea, perdida a “marxista” força de trabalho, é lição para tantos quantos queiram preservar a história familiar jamais estudada em bancos escolares (“O fio do tempo”, p. 27-28). Examinando a Inconfidência Mineira, justamente o mártir desta, a lume traz obscuridades ensinadas na Escola, confrontando-as com a verdade histórica com base em documentos (“A desconstrução de um mito”, p. 91-93).

Doutora em Literatura Comparada, Jô Drumond vê similaridade de ideias entre o literato W. Somerset Maugham (séc. XIX), em sua obra *A servidão humana*, e o geneticista Dean Hamer (séc. XX): um fator bioquímico (o gene VMAT2) propiciaria o grau de espiritualidade (“A fé”, p. 29-30). Repensando a própria vivência missionária, aventa possível benignidade do aludido gene da fé (“Questionamentos religiosos”, p. 31-34). Também uma questão ontológica, de cunho existencial (origem e finitude dos humanos), tal o dogma concebido pelos crentes desta ou daquela vertente, é aqui, *en passant*, abordado (“Conformismo religioso”, p. 35-36). Destoante do cânone da Igreja, exegeta bíblico com visão peculiar merece destaque: Jean Meslier, vigário francês, é dado como precursor de vários movimentos libertários (“Padre ateu”, p. 37-41).

Atestando o autêntico significado do gênero crônica (*khrónos* – tempo), há um momento em que afetivas recordações da menina revisitam festejos (“Festas joaninas ou julinas”, p. 43-44), enquanto num outro texto revela-nos a sua curiosidade a respeito do icônico “bom velhinho” (“Papai Noel”, p. 129-130). Com igual viés memorialístico é o relato de quando revê fotografias da fase colegial

("tive saudade de mim") e do posterior reencontro com suas antigas colegas: em ação sobre a forma física, fisionômica, a inexorabilidade do tempo ("Reminiscências", p. 133-134).

Eventos, tais o nascimento de netos ("Boas-vindas à vida", p. 127-128) e o encerramento findanista da confraria Clube do Livro ("Revoada de Letras", p. 117-118), conquanto efemérides de cunho pessoal, mas, por serem bem marcantes e por se aplicarem à vida de muitos humanos, merecem registro. E relato de Jô Drummond contém plasticidade, envereda por particularidades invisíveis ao olho comum: sim, uma vedora crítica e onisciente.

Prosa simples jamais simplória, saborosa por demais, pródiga de "causos" como sói a um bom mineiro (Patos de Minas-MG), impregna-a com alta dosagem de humor: um "sufoco" em viagem aérea ("Apreensão", p. 45-46), uma noite passada em claro em república estudantil de Ouro Preto ("Pulgatório", p. 69-71), episódio de brusca transformação de duas de suas alunas de francês ("Irmãs carmelitas", p. 85-86), agrura vivida em lamacenta estrada, quando se brinca/briga com colocação pronominal ("Atoleiro", p. 53-54), divertido passeio em Vila Rica: um guia com fétido odor corporal é substituído por um com acentuado distúrbio de fala ("O malfadado *city tour*", p. 121-122). Mesmo o mero catar piolho possui a freudiana sublimação libidinal ("O cafuné", p. 81-83).

Especialista em Guimarães Rosa, em cinco textos enfoca o singular autor e terra natal dele ("Cordisburgo", I a IV, p. 99-116). E outros temas há. Eclética, também artista plástica, um seu trabalho de 1990, um acrílico sobre papel cartão, compõe a capa do livro desta "imortal" da Academia Espírito-santense de Letras que, a tornar "exequível suas exéquias", já humorada diretriz deixa ("Meus últimos desejos", p. 137).

Isso posto, resta-nos dizer que, embora uma época plena de leitura digital, a textura do papel de *Cibersolidão*, pelo excelente conteúdo que ali vai impresso, a jovens e a adultos com razoável escolaridade, as crônicas assaz urdidadas não de propiciar uma aprazível e proveitosa leitura. Além, disso, compreender-se-á

melhor, com exemplos do cotidiano, o quão a modernidade “sólida” entrou em desintegração, mormente após 1989 (queda do Muro de Berlim), logo passando a ser gradualmente substituída por uma modernidade “líquida”, segundo propugnado por Bauman e antes vislumbrada por Berman.

Possuindo esse gênero o condão de registrar os acontecimentos sociais, faz história e, assim, “revirando gavetas do passado” (p. 133), resgatada a memória, àqueles, de novo os traz ao coração de um povo. Sua publicação em livro é, pois, mais do que um ato gráfico, editorial: é a perpetuação do efêmero. Constitui-se, no mínimo, num registro histórico: a possibilidade de tornar um pouco mais “sólido” o que, hodiernamente, fluido 100% “líquido” seria. E essa obra de Jô Drummond vai muito além do mero narrar. Uma escrita escorreita, com um bem sensato uso da norma padrão, culta, logo, não há desvios linguísticos, gramaticais, senão efeitos com nuances artísticas, como aliteração (“exequíveis exéquias”, “esboçavam bocejos”), neologismo (“pulgatório”, “colibritante”), polissemia (“estaria arroubando”, “carcomida por vermes”, “nos dédalos do labirinto virtual”). Ultrapassa mesmo essas qualidades: põe em discussão o ciberespaço, enquanto redutor das barreiras impostas pelo binômio espaço-tempo, e, inclusive, induz a um racional aproveitamento dos recursos oferecidos pelas tecnologias digitais.

Recebida em: 30 de janeiro de 2019.
Aprovada em: 25 de março de 2019.